

“Os herdeiros”: questões sobre o campo esportivo

Resumo

Neste ensaio, refletimos sobre o campo esportivo e analisamos possibilidades reflexivas em torno desta temática em relação à obra “Os herdeiros” de Bourdieu e Passeron (2014). Questionamos se no esporte podemos considerar a existência de “herdeiros”, conforme a mesma lógica da “herança invisível” entre os “herdeiros da cultura”. Pela via da frequência e da cultura valor, visualizamos no esporte uma perspectiva de elemento de capital cultural, em que, no campo esportivo, os “herdeiros” são formados, via reprodução social, sob a lógica da distinção social por meio da corporalidade. Se aos “herdeiros da cultura” há a troca quase que por osmose de capital cultural, aos “herdeiros do esporte”, aqueles que pelo seu capital físico-corporal projetam sua possibilidade de ascensão social pela profissionalização esportiva, há uma forma restrita (e perversa) para alcançar tais postos de trabalho.

Palavras-chave: Campo esportivo; Educação Física; Herdeiros; Pierre Bourdieu.

Cristiano Mezzaroba

Doutorando em Educação pela
Universidade Federal de Santa
Catarina – UFSC – Brasil
cristiano_mezzaroba@yahoo.co
m.br

Daniel Machado da Conceição

Mestrando em Educação pela
Universidade Federal de Santa
Catarina – UFSC – Brasil
danielmdac1@gmail.com

Para citar este artigo:

MEZZAROBA, Cristiano; CONCEIÇÃO, Daniel Machado da. “Os herdeiros”: questões sobre o campo esportivo. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 15, n. 29, p. 317-340, jul./dez. 2014.

DOI: 10.5965/1984723815292014317

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723815292014317>

“The heirs”: questions regarding the area of sports

Abstract

In this essay we reflect upon the area of sports and analyze reflexive possibilities around this theme in relation to the work “The Heirs” by Bourdieu and Passeron (2014). We question if, in the area of sports, one can consider the existence of “heirs”, in the same logic as the “invisible inheritance” among the “heirs of the culture”. By way of attendance and cultural value, we visualize in the sports area a perspective of the cultural capital element, in which, in the area of sports, the “heirs” are formed via social reproduction, under the logic of social distinction through corporeality. If to the “heirs of culture” there is a cultural capital exchange conducted almost by osmosis, to the “heirs of the sport” – those which by their physical body capital project their possibility of social ascension through the professionalization of sports – there is a restricted (and perverse) way to achieve such jobs.

Keywords: Sports area; Physical Education; Heirs; Pierre Bourdieu.

Introdução

Abordar as questões da Sociologia é mergulhar em um campo complexo, difícil, mas também atraente, por permitir que pensemos no desenvolvimento das questões sociais – das Humanidades em geral – e nas possibilidades de investigação que se abrem para este exercício de descoberta, ou de “desvelamentos”, como insiste Bourdieu no seu conjunto de produção acadêmica.

O francês Pierre Bourdieu – um dos autores mais lidos nas Ciências Humanas e Sociais, ou, como afirma Catani (2002), um autor *indispensável*¹ – traz para o debate suas contribuições teóricas, que também são empíricas, e aqui nesses apontamentos, como agentes vinculados e formados a partir das Ciências Sociais e da Educação Física, bem como da Educação, agora na pós-graduação, pretendemos discutir de que maneira Bourdieu, com a teoria dos campos, pode nos ajudar a pensar o contexto do *campo esportivo*, no diálogo com sua obra *Os herdeiros* (2014).

O objetivo dos autores Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, nesta obra, é desvelar as relações presentes no sistema de ensino francês. O livro se constituiu como um relatório de pesquisa e expõe em suas linhas, que estudantes mais favorecidos constroem uma trajetória escolar de maneira muito mais fácil que estudantes de classes menos favorecidas. O sistema de ensino, portanto, favorece aos filhos da classe alta, e por consequência, aos filhos da classe menos favorecida, se mostra bastante desafiador para permanência na escola e para a futura escolha profissional. *Os herdeiros* (2014) ganha importância por desmistificar a ideia de igualdade de acesso ao ensino como promotora de resultados homogêneos. Desvendam assim, que além da oportunidade de acesso e de fatores econômicos, outros elementos se fazem presentes para o êxito e permanência do aluno em sua escolarização. A apreensão dos códigos existentes no sistema de ensino, códigos que reproduzem uma *cultura valor* presente em uma determinada classe são essenciais para o bom desempenho dos estudantes. A

¹ Conforme Maton (2009), há uma dificuldade de crítica ao trabalho de Bourdieu pela sua natureza volumosa, pela complexidade teórica e pela dimensão empírica de seu trabalho. No “jogo acadêmico”, portanto, Bourdieu é uma figura amada e odiada. Para Lahire (2002, p. 38), Bourdieu propôs “uma das mais estimulantes e complexas orientações sociológicas contemporâneas.”

internalização destes códigos se dá por meio da *frequência* a locais que possibilitam o contato com os valores professados, os quais serão então reconhecidos e valorizados no sistema de ensino. A não familiaridade com os códigos incorre em uma restrição de oportunidade e na atribuição de um destino possível, impossível ou normal, pensado na perspectiva do desempenho escolar.

A proposta deste trabalho está em analisar os escritos bourdieusianos sobre esporte, mais precisamente a respeito do *campo esportivo*, percebendo as distinções de classe quanto à corporalidade e aos interesses envolvidos na prática de determinadas modalidades esportivas. As principais perguntas que instigam este trabalho são: *no esporte podemos considerar a existência de herdeiros? Quais as implicações do campo esportivo nas práticas desenvolvidas pelo componente curricular Educação Física na escola? Esporte e a Educação Física se constituem como campos distintos?*

O texto foi dividido em cinco partes, em que buscamos responder a estes questionamentos. Na parte inicial, introduzimos os objetivos; na segunda parte, apresentamos o sociólogo Bourdieu e alguns de seus conceitos; na terceira, identificamos como Bourdieu descreve o campo esportivo; na quarta parte, realizamos a aproximação desses conceitos com a prática no sistema de ensino brasileiro (sabendo-se, entretanto, que há uma pluralidade em relação a isso e aqui estaremos nos reportando a possíveis generalizações, ou como nas análises bourdieusianas, a possíveis regularidades); e, na última parte, as conclusões finais sobre o autor e sua contribuição para o campo esportivo e educacional da Educação Física.

Bourdieu: elementos de sua teoria sociológica

Termo comumente encontrado na obra de Bourdieu é a palavra “desvelamento” (MATON, 2009). Conforme Catani (2008), Bourdieu sempre busca os “fundamentos ocultos de dominação”, a procura do *desconhecido* que pode ser *conhecido* a partir de

uma *sociologia reflexiva* (BOURDIEU, 2001, p. 18), ou seja, a pesquisa sociológica como uma atividade racional, científica, que se diferencia do senso comum. Nessa mesma direção, Valle (2007) argumenta que a preocupação de Bourdieu é com a *análise do mundo social*, em que seria necessário desvelar os processos de funcionamento social, introduzindo “uma nova maneira de fazer sociologia e [instituindo] uma perspectiva teórico-crítica radical e original.” (Idem, p. 119).

Segundo Valle (2007), Bourdieu entendia que a função da sociologia seria “contribuir para uma ação efetiva de emancipação, por meio do estudo das representações do mundo social e da elucidação do caráter arbitrário de certos esquemas de pensamento, difundidos e reproduzidos historicamente.” (Idem, p. 127). Nas palavras de Lahire (2002, p. 38), “fazer sociologia” é pensar o mundo social, a partir de esquemas interpretativos múltiplos.

Na tentativa de caracterizar o trabalho desenvolvido por Bourdieu, podemos pensar que sua sociologia se apresenta como uma sociologia de aproximação e de distanciamento quanto aos clássicos desse campo científico. Com relação a Durkheim, Bourdieu teria em comum a ideia geral de estruturação da sociedade. Com Weber, ele compartilha das questões simbólicas e culturais. E de Marx, o autor recupera a questão do conflito (de classes) como objeto central, discorrendo em suas análises sobre a oposição entre dominados e dominantes.

No fundo, Bourdieu preocupa-se com a *formação da subjetividade* e como a objetividade estrutura as subjetividades, ou seja, a relação entre estrutura e ator². Ao abordar o *subjetivismo* (as questões ligadas às individualidades, por meio da fenomenologia existencialista, tendo como produto a consciência e vontades individuais) e o *objetivismo* (os fatos que falam por si mesmos, tendo as ciências naturais e exatas como balizadoras e como produto os determinismos), Bourdieu sugere o *conhecimento praxiológico ou dialético*³, isto é, entender para além do senso comum (ou, como diria Lahire (2002): romper com as ideologias espontâneas ou semicientíficas), fazendo o

² Para Bourdieu, há o *agente*. Não é nem o indivíduo isolado, consciente, reflexivo, nem o sujeito determinado, mecanicamente submetido às condições objetivas em que ele age.

³ Devem ser considerados *processos de mediação* entre a estrutura (abordagens estruturais) e o ator (abordagens individuais).

exercício da imaginação sociológica como possibilidade de transformação das estruturas sociais.

Segundo Valle (2007), sua abordagem metodológica se constituiria a partir do conhecimento praxiológico. O objetivismo deveria ser ultrapassado sem cair no subjetivismo, rompendo assim com as experiências imediatas.

Para Bourdieu, as Ciências Sociais (ou a Sociologia) devem ser capazes “de pôr em jogo ‘coisas teóricas’ muito importantes a respeito de objectos ditos ‘empíricos’ muito precisos, frequentemente menores na aparência, e até mesmo um pouco irrisórios” (BOURDIEU, 2001, p. 20). Deve-se, conforme o autor, focar o olhar nas *questões elementares*, que de tão elementares “nos esquecemos muitas vezes de as pôr [em questão]” (Ibid., p. 21). Pensando no objeto a que nos propomos aqui neste ensaio, não seria o esporte um objeto empírico muitas vezes desconsiderado pelas Ciências Sociais e pela Sociologia em especial, tratando-se daquilo que se convém chamar de *fenômeno esportivo* na contemporaneidade? De tão elementar, pouco é discutido, pouco é analisado, pouco é tratado sob as lentes mais críticas e sistematizadas.

No seu percurso de pesquisador, conforme sublinha Catani (2008), Bourdieu iniciou na Filosofia, passou para a Etnologia e depois ajudou a reconstituir a Sociologia, sempre com seu exercício – poderíamos chamar aqui de “duplo movimento antropológico” de “desenraizamento de um universo familiar” e a “familiarização com um universo estrangeiro”.

Lahire (2002, p. 45), enfatizado o potencial e a importância de Bourdieu para as Humanidades em geral, afirma que o referido sociólogo “transgrediu as fronteiras que separam (tanto nas instituições como nas representações) o campo da psicologia do campo da sociologia, o mental (ou o psíquico) do social, o individual do coletivo etc.”

Bourdieu nos fala também sobre o *habitus científico*, ou seja, segundo ele, *fazer sociologia* como ciência requer muito estudo e treinamento, já que o *habitus científico* tem seu *modus operandi* próprio. Como um autor que trouxe ao campo teórico possibilidades para se pensar o universo empírico, formulou alguns conceitos como o de *habitus*, *campo* e *capital* (cultural, econômico, social e simbólico), entre tantos outros.

Tais conceitos são parte de sua *teoria sociológica*. É importante considerar e ressaltar que tais conceitos devem ser entendidos de forma interdependente e não isolados. E aqui, novamente fazendo a ligação com nosso propósito neste ensaio, identificamos conceitos bastante pertinentes para pensarmos o esporte enquanto campo esportivo e enquanto constituidor de *habitus* e, por que não, sua relação com o capital cultural, econômico, social e simbólico?

Segundo Catani (2002, p. 67), o *habitus* se configura em “esquemas estruturados de percepção, pensamento, ação, formados a partir de modos de viver e de pensar das diferentes classes sociais, e que se traduzem por predisposições ou disposições duráveis em direção à ação.” Para Lahire (2002, p. 45), o *habitus* é “[...] apreender o social sob sua forma incorporada (...) e assim atacar as bases do mito da liberdade individual.” Assim, o conceito de *habitus* estaria relacionado a um *ethos*, a uma *teoria da ação*: agir, sentir, acreditar, pensar e julgar.

A noção de *campo* é, por sua vez, a “que caracteriza a autonomia de certo domínio de concorrência e disputa interna, servindo de instrumento ao método relacional de análise das dominações e práticas específicas de um determinado espaço social. Cada espaço corresponde, assim, a um campo específico – cultural, econômico, educacional, científico, jornalístico, médico, jurídico, esportivo etc. –, no qual são determinados a posição social dos agentes e onde se revelam, por exemplo, as figuras de ‘autoridade’, detentoras de maior volume de capital.” (DOSSIÊ, 2008, p. 46). Seria um microcosmo com suas leis próprias, um espaço social estruturado no qual há dominantes e dominados em conflito por questão de poder e legitimação social.

E por fim, dentre todo glossário de termos formulados por Bourdieu, há também o conceito de *capital*. Bourdieu amplia este conceito, que vem da concepção marxista, entendendo-o que além do *capital econômico* (materializado pela renda, salários e imóveis), é decisivo para o sociólogo a compreensão do *capital cultural* (que se materializa nos saberes e conhecimentos reconhecidos por diplomas e títulos), do *capital social* (as relações sociais que podem ser convertidas em recursos de dominação) e também do *capital simbólico* (comumente compreendido como o prestígio ou honra e que permite identificar os agentes no espaço social). (DOSSIÊ, , 2008)

Para ele, a dominação cultural se expressa na fórmula segundo a qual a cada posição na hierarquia social corresponde uma cultura específica, ou seja, os membros da elite têm a cultura da “distinção”, os membros da classe média almejam a “pretensão” e à massa (o povo em geral), no que se refere à cultura, cabe a “privação”. E assim, o sistema de ensino – materializado na figura das escolas – desempenharia seu papel de realçar a reprodução nessa relação de dominação cultural, em que se percebe a interdependência dos conceitos acima referidos.

Bourdieu também nos ajuda a melhor compreender certos reconhecimentos no interior dos campos que dão peso político e garantem capital econômico ao campo para se retroalimentar. Ele nos fala em “capital simbólico”, que não é outra coisa senão o capital econômico ou cultural quando conhecido e reconhecido (BOURDIEU, 2004a, p. 163), e que garante “vantagens de reconhecimento”, como títulos, diplomas, posições ocupadas e reconhecidas pelos agentes.

Segundo Bourdieu (2004a, p. 166), o *poder simbólico* está baseado em duas condições: (1) discurso performático: posse de um capital simbólico; (2) eficácia simbólica: alicerçada na realidade. Bourdieu pensa no poder simbólico como forma de mostrar as divisões entre as classes, uma forma de poder político.

Internamente no campo, o *poder simbólico* se dá pela relação que se mantém com o capital científico. Para Bourdieu (2004b, p. 26), o capital científico:

[...] é uma espécie particular do capital simbólico (o qual, sabe-se, é sempre fundado sobre atos de conhecimento e reconhecimento) que consiste no reconhecimento (ou no crédito) atribuído pelo conjunto de pares-concorrentes no interior do campo científico.

Por fim, para Bourdieu, a complexidade a qual a Sociologia, como ciência, deve desvelar/compreender está na *realidade social*, e o pesquisador/sociólogo deve questionar o aparentemente óbvio, pois é assim que a ciência avança, “questionando as ideias simples.” (BOURDIEU, 2004a, p.168).

Bourdieu e o campo esportivo

Os estudos de Bourdieu sobre o esporte ajudam a perceber transformações na passagem dos jogos populares, para o que entendemos na modernidade como esporte. Eles identificam um momento de esportivização, isto é, o jogo ritualizado e praticado em festividades populares, conta com regras, um corpo de especialistas e entidades reguladoras, que culminam com uma mudança de finalidades e de interesses.

Esta mudança está pautada na oposição de classes, pois os jogos eram praticados em festividades populares, as quais guardavam seu teor religioso (e místico?), originário nas comunidades rurais que começavam a se aglomerar nas grandes cidades. As práticas corporais festivas eram realizadas nas ruas e em inúmeros eventos. Esses receberam reprimendas por exporem a barbárie e brutalidade e por promoverem desordem pública não condizente com o esperado pelas classes privilegiadas. Muitas das atividades corporais (jogos) foram desclassificados e perseguidos. No entanto, algumas práticas passaram a ser encaradas como atividades lúdicas, capazes de contribuir com a formação dos jovens, filhos da aristocracia. Desta forma, os exercícios corporais foram separados dos acontecimentos ordinários – jogos populares, e começaram a significar práticas elitistas (BOURDIEU, 1983, p. 138). A escola da elite é o lugar onde as práticas foram dotadas de funções sociais e integradas a um calendário coletivo, tendo sido convertidas em exercícios corporais (Idem, p. 139). O fator responsável por essas mudanças está no fato de receber uma nova significação a partir da incorporação de algumas atividades, ou exercícios, nas *public schools* – escolas elitistas da Inglaterra – onde o esporte passou a receber um novo caráter de utilidade.

Parece indiscutível que a passagem do jogo ao esporte propriamente dito tenha se realizado nas grandes escolas reservadas às elites da sociedade burguesa, nas *public schools* inglesas, onde os filhos das famílias da aristocracia ou da grande burguesia retomaram alguns jogos populares, isto é, vulgares, impondo-lhes uma mudança de significado e de função [...] (BOURDIEU, 1983, p. 139).

Os jogos foram transformados em modalidades esportivas, com regras, com uma nova funcionalidade e inseridos em um calendário específico, passando a ser considerados “de elite”. Para Bourdieu (1983, p. 140), uma filosofia aristocrática deu vazão a um ideal de prática desinteressada, que contribui para formação de caráter, estimuladora de saúde, bem como de aptidões necessárias para o convívio em sociedade e gestão de negócios futuros. Representando uma ideia moral, isto é, um *ethos* das frações dominantes (Idem, p. 141).

Dimensão de uma teoria aristocrática, a teoria do amadorismo faz do esporte uma prática tão desinteressada quanto a atividade artística, porém mais conveniente do que a arte para afirmação das virtudes viris dos futuros líderes: o esporte é concebido como uma escola de coragem e de virilidade, capaz de formar o caráter e inculcar a vontade de vencer, que é a marca dos verdadeiros chefes, mas uma vontade de vencer que se conforma às regras, é o *fair play*, disposição cavalheiresca inteiramente oposta à busca vulgar da vitória a qualquer preço. (BOURDIEU, 1983, p. 142)

O esporte para as classes abastadas significa lucros sociais, pois proporciona a aquisição de valores e códigos de honra como o *fair play*, além de possibilitar atividades gratuitas e desinteressadas com resultados no capital social. No caso das populares, a filosofia aristocrática não recebe morada, pois o interesse está pautado em uma possibilidade de viver do esporte, não uma atividade amadora, e sim um meio de vida profissional. E este desejo de ascensão incute os ideais de produção capitalista, estimulando as características de busca constante pela vitória, sacrifício e alto rendimento. Surge uma nova categoria: o *capital físico*, como um recurso a ser trabalhado pelas classes menos favorecidas que possibilita atingir o objetivo almejado. A afirmação de Bourdieu sobre *capital físico* revela uma maneira de fugir do processo de escolarização, pautado em capital cultural, que, nas sociedades modernas, é reconhecido como uma das únicas formas de ascensão.

[...] a carreira esportiva, [...] representa uma das únicas vias de ascensão social para crianças das classes dominadas: o mercado esportivo está

para o capital físico dos meninos assim como os concursos de beleza e as profissões as quais eles dão acesso estão para o capital físico das meninas. (BOURDIEU, 1983, p. 147)

A demarcação de capital físico envolve as características físicas próprias para o desenvolvimento de uma determinada atividade esportiva. Neste trabalho, entendemos que a categoria *capital físico* limita-se às condições e predisposições físicas aceitáveis para tal modalidade ou posição. No entanto, à categoria *capital corporal*, indicamos como agregadora das características físicas, somada a toda uma apreensão de conhecimentos, técnicas e *performance* corpórea que passa a ser reconhecida como legítima “pelo” e “no” agente. No caso de um jogador de futebol, o jovem pode despertar interesses por seu biotipo físico e capacidades de adaptação à modalidade (capital físico). No entanto, o conjunto de técnicas corporais eficaz, somadas a conhecimentos específicos da determinada modalidade, forma o capital corporal que permanecerá com o agente mesmo que seu capital físico não corresponda ao ideal de um atleta.

As famílias populares, ao dedicarem atenção na esperança de ascensão social por meio de uma prática esportiva, acabam desconsiderando a possibilidade do capital cultural para afirmação e prestígio que, por exemplo, o futebol e seu mercado podem gerar ao seu filho/sua família. Isso é remetido ao que Bourdieu apresenta como uma lógica da indústria, isto é, a atitude presente de apenas pensar em aperfeiçoar-se é o facilitador para ser recrutado, pois se harmoniza com as exigências da profissionalização, acarretando o desenvolvimento tanto “da racionalização de preparação quanto da execução do exercício esportivo imposto pela maximização da eficácia” (BOURDIEU, 1983, p. 147).

O esporte alcançou fácil aceitação por ser uma oportunidade para os jovens alunos extravasarem suas energias. Sua utilidade passa a ser valorizada por não envolver grande soma de investimento financeiro para sua realização (Idem, p. 146). Portanto, o esporte pode ser encarado como uma estrutura estruturante fomentando uma estrutura estruturada capaz de ser incorporada como um *habitus* no agente (BOURDIEU, 2001, p. 8). Desta forma, um *habitus* se constitui junto à classe dominante, e posteriormente

atinge as classes populares construindo uma realidade pautada em um poder simbólico que transpassa o corpo e o uso do mesmo.

Ao exaltar o esporte, como escola de caráter, na verdade, dentro da educação, esconde-se uma nuance de anti-intelectualismo, pois, coloca em oposição o caráter contra a inteligência, o esporte contra a cultura, hierarquizando o espaço escolar (BOURDIEU, 1983, p. 141). Podemos perceber esta atitude na posição que o currículo da Educação Física ocupa em relação a outras disciplinas no contexto escolar. Geralmente entre os professores acontece a rotulação e um desmerecimento das atividades físicas e corporais, ou das práticas pedagógicas da Educação Física. Inclusive, alguns discursos questionam a real importância da disciplina para o currículo da escola. O campo escolar, um espaço de lutas diversas, abre espaço para tensionar a dicotomia mente e corpo. Tal disputa está pautada na legitimação de algumas disciplinas dentro do campo científico. No caso do campo esportivo, ao se constituir como autônomo também sofre os efeitos de lutas diversas pela imposição da definição legítima da prática esportiva e da função legítima da atividade esportiva (Idem, p. 142). As críticas demarcam o campo promovendo a passagem do conhecimento ordinário para um conhecimento científico, mas a constituição do campo não atinge a legitimação para ser reconhecida no mesmo patamar de outras disciplinas dentro da escola. Assim, a posição ocupada no mundo acadêmico e científico se reproduz no espaço da sala de aula.

Bourdieu (1983, p. 142) descreve que o campo esportivo está repleto de lutas constantes na disputa pelo monopólio tanto da prática, como da teoria existente sobre o esporte e suas aplicações. As disputas no campo esportivo estão pautadas na oposição esporte e cultura (é possível pensarmos o esporte como elemento cultural, sua prática e os conhecimentos que são gerados ou mobilizados a respeito como parte de um capital cultural para além de, apenas, uma *hexis* corporal?); alto rendimento e pedagogia do esporte (há algo desse alto rendimento que pode ser repensado pela pedagogia do esporte para algo mais que a mera imitação do alto rendimento nas quadras escolares?); profissionalismo e amadorismo (os atletas amadores, em sua totalidade, almejam como único horizonte o profissionalismo?); projeto objetivo e atividade desinteressada; espetacularização e atividade comum. Este embate abrange os mais variados

profissionais envolvidos com as atividades físicas e suas finalidades. Podemos destacar profissionais de Educação Física, jornalistas, dirigentes, comissões técnicas (treinadores, nutricionistas, fisioterapeutas, psicólogos, médicos do esporte etc.), profissionais de marketing, voluntários em organizações não governamentais, pedagogos, cientistas sociais, economistas, empresários etc. Todos com interesses distintos dentro do campo esportivo, e que promovem a autonomia do campo, pois constantemente ele se autorregula desenvolvendo críticas sobre suas finalidades dentro de uma lógica específica do “campo esportivo” (BOURDIEU, 1983, p. 140).

Os herdeiros e a relação com o campo esportivo: é possível?

A escola durante o século XX fez parte de um plano de desenvolvimento baseado no princípio de democracia e igualdade de oportunidades. Os inúmeros desafios enfrentados por este projeto sempre estiveram voltados à ampliação de vagas e ao acesso ao ensino. Os estudos de Bourdieu e Passeron (2014), ao desvelarem os jogos internos dentro do campo universitário (escolar) mostraram que o discurso de oportunidades nada mais foi que uma prerrogativa de exclusão baseada no mérito pessoal.

O mérito passou a representar uma herança que, naturalizada no indivíduo, permite ser reconhecido como talentoso e hábil, que de acordo com Marcel Mauss (2003) significa ser o mais adaptado às regras e códigos de conduta esperados para o desempenho de determinada atividade ou posição, dentro de uma “tradição de eficácia”. O sistema de ensino e suas instituições promovem uma educação pautada em uma *cultura valor* que para aqueles que estão com ela familiarizados garante uma maior acessibilidade ao conjunto de mecanismos e elementos que contribuem para a permanência na escola e conseqüentemente para o desenvolvimento de um projeto profissional.

Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron desenvolvem um argumento interessante sobre a *herança* que é transmitida a outro. Os autores realizam estudos focados na escola e no sistema de ensino francês, nos quais compreendem existir um acúmulo de herança (que não é apenas de base econômica) que passa despercebido. A escola como mote reprodutor das relações sociais de dominação valoriza um determinado conhecimento, práticas, ações e atitudes relacionadas a uma *cultura valor*. Ao fazerem esta observação, os autores conseguem perceber que certos indivíduos podem acessar a estes códigos de comportamento e de sociabilidade com maior facilidade que outros. Então, dentro do campo escolar, a maneira que o indivíduo se relaciona com o ambiente, com os professores, com os colegas e com o próprio conteúdo didático se fazem permeados por uma herança invisível capaz de ser reconhecida pelos agentes avaliadores como legítima das ações ideais.

A herança invisível é mais do que acumular capital no formato de bens tornando-se dependente dos mesmos, ela se faz através do acúmulo de capital cultural. Essa herança invisível permanece com o agente detentor, sendo acionada na medida em que percorre os espaços em que os códigos e valores desse capital são reconhecidos. Por isso, os autores podem afirmar que:

Os estudantes mais favorecidos não devem somente ao seu meio de origem hábitos, treinamentos e atitudes aplicáveis diretamente às suas tarefas escolares; eles também herdaram saberes e um saber-fazer, gostos e um bom gosto cuja rentabilidade escolar, por ser indireta, é ainda mais certa. (BOURDIEU; PASSERON, 2014, p. 34)

Esta herança invisível possibilita às classes mais favorecidas, isto é, aqueles que frequentam e consomem uma *cultura valor*, o aprendizado de um conjunto de saberes e visões de mundo que os capacita para um diálogo próximo com o professor e com o conteúdo escolar. Desta forma, os filhos das classes altas têm maior chance de objetivar seu empenho em prol da escolarização, ao contrário dos filhos das classes menos favorecidas que necessitam mobilizar esforços para a superação de obstáculos na assimilação dos códigos aceitáveis. Bourdieu e Passeron (2014) assinalam que, no

primeiro caso, a cultura é transmitida por osmose (socialização) e, no segundo, por meio de aculturação.

O esporte foi admitido ao campo escolar como uma ferramenta pedagógica capaz de perpetuar a filosofia aristocrática, pautada em atividades desinteressadas e que contribuem para uma moral e *ethos* elitista, como mencionamos acima. As transformações que envolveram a criação de regras e de entidades gestoras das práticas esportivas favoreceram a formação do campo esportivo. Este campo começa a se tornar autônomo com a criação cada vez maior de especialistas que legitimam os conhecimentos oriundos de determinada prática, além de produzirem saberes por meio da ciência que o abarca. Também começam a ser criados espaços para sua prática e locais reconhecidos para a aquisição do capital corporal esperado. Estes são quadras, campos, praças, clubes, estádios, arenas, ginásios e complexos esportivos. Os agentes agora podem realizar a *frequentação* para aperfeiçoamento e aquisição dos códigos esportivos. A disseminação na mídia de partidas e eventos esportivos com um corpo de especialistas aptos a explicar os pormenores da modalidade mobilizam a educação esportiva, ou, num sentido mais amplo, implicam em transformações da cultura esportiva.

Quando nos referimos à *cultura esportiva*, consideramos o campo esportivo na sua totalidade, desde práticas identificadas como espontâneas, rotineiras e socializadoras (amadoras) com o esporte até práticas mais institucionais profissionalizadas, mercadorizadas e espetacularizadas (via veículos de comunicação de massa, especialmente a televisão), ou seja, as de alta performance, sendo um conceito que permeia significados referentes ao universo esportivo e também como um aspecto que está inserido no cotidiano de boa parte da população. Segundo Pires (2006, p. 42), a *cultura esportiva* seria:

o conjunto de ações, valores e compreensões que representam o modo predominante de ser/estar na sociedade globalizada, em relação ao seu âmbito esportivo, cujos significados são simbolicamente incorporados através, principalmente, da mediação feita pela indústria da comunicação de massa.

De forma sintética, podemos dizer que a *cultura esportiva*, como parte integrante de uma cultura contemporânea globalizada, tende a universalizar as diferentes manifestações esportivas, padronizando práticas, regras, discursos e comportamentos – através da contribuição decisiva da indústria de comunicação de massa. A *cultura esportiva*, refere-se, portanto, também aos saberes e fazeres relacionados à articulação entre esporte e mídia no cotidiano das pessoas e, claro, da própria Educação Física escolar. Conforme Bourdieu (2004a, p. 210), o espaço do esporte não é um universo fechado sobre si mesmo. Ele está inserido num universo de práticas e consumos, eles próprios estruturados e constituídos como sistema”.

Se pensarmos o campo esportivo separado da educação escolar e do conceito de educação esportiva, percebemos que seus valores e códigos são reconhecidos e legitimados por profissionais certificados. Importante lembrar que, se outrora o esporte era apenas um dos conteúdos do componente curricular Educação Física, sua relevância e sua presença no campo econômico, bem como sua representatividade cultural fez com que se tornasse algo maior que a própria Educação Física, no sentido de que, na atualidade, é ela que se vincula ao esporte para, a partir de tal relação, legitimando-se pedagogicamente na escola. (BRACHT, 2001; LOVISOLO, 1998). As tensões entre o amadorismo das práticas e a profissionalização para o alto rendimento acaba por consolidar o campo na medida em que as críticas internas garantem sua relativa autonomia.

O esporte como sinônimo de educação e formação de caráter, valorizado pela classe dominante, no interior da cultura escolar recebe um significado depreciativo por envolver atividades meramente práticas e não atividades culturais. Como uma atividade complementar reconhecida nos lucros de trocas, encontros eletivos, orientados pela pedagogia do esporte, higienização e saúde corporal, passa a ser valorizada como princípio de uma moral aristocrática. Os interesses de classe, segundo Bourdieu (1983), são marcadores de distinção, e a apropriação do esporte pelas classes dominantes e pelas classes populares demonstra sua efetividade.

Exemplos podem ser identificados em modalidades como o tênis e golfe, reconhecidas como de elite, nas quais são valorizadas as ações cavalheirescas e os

eventos esportivos podem ser considerados como encontros sociais. São espaços em que a classe mais abastada busca os lucros de distinção nas trocas sociais. A relação com o corpo também é diferente, à medida que demonstra um padrão e estilização da vida na tendência de tratar o corpo com um fim, pensado como organismo que leva ao culto higienista da forma, ou na própria aparência como configuração perceptível, o físico, isto é, o corpo-para-outrem (BOURDIEU, 1983, p. 151). As modalidades mais populares, como futebol e vôlei, são práticas coletivas, nas quais o espírito de equipe é exaltado, além da virilidade, da força e da brutalidade. O corpo não é para outrem, o corpo é ferramenta individual que deve ser trabalhada e aperfeiçoada, independentemente dos sacrifícios exigidos. Consequentemente, para a formação profissional se faz necessária a separação de instituições como família e escola, pois a trajetória do agente para constituir-se como profissional reconhecido requer a circulação por clubes formadores que legitimem seu capital corporal e sirvam de vitrine para oportunidades mais objetivas. Podemos, assim, perceber que os interesses sobre o corpo como estilo de vida ou ferramenta são constituídos junto à classe a que pertencem, estes orientam a relação com as modalidades esportivas, viabilizando os lucros almejados.

Seria fácil mostrar que as diferentes classes sociais não concordam a respeito dos efeitos esperados do exercício corporal, efeitos sobre o corpo externo como, por exemplo, a força aparente de uma musculatura visível, preferida por uns, ou a elegância, a destreza e a beleza, escolhidas por outros, ou efeitos sobre o corpo interno, como a saúde, equilíbrio psíquico, etc. (BOURDIEU, 1983, p. 148)

O corpo como veículo de distinção das classes recebe o tratamento objetivado nos lucros imediatos ou futuros que a prática proporciona. O desejo de ascensão das classes populares tem no esporte uma vida produtiva curta, pois o alto rendimento, ou o esporte espetáculo, exigem a aplicação plena do capital corporal. Este, de acordo com as análises de Bourdieu, leva os jovens do grupo menos favorecido a começarem muito cedo o seu aperfeiçoamento em uma dada modalidade esportiva. Para as classes mais favorecidas, o esporte como profissão não é considerado nas estratégias visando uma trajetória pessoal de sucesso. Assim, ele recebe outra atribuição como parte de um

projeto formador e educacional de agentes que estarão em postos de gestão, aproveitando-se das qualidades presentes no esporte. Portanto, o esporte nas classes populares pode ser visto como restrito à juventude e ao seu momento de maior produtividade, enquanto o esporte pensado para a elite significa uma continuidade da jovialidade retratada em um estilo de vida sadio e ascético.

O que queremos apontar está na diferenciação entre o “esporte na escola”, no qual os valores de uma pedagogia do esporte, que podem se confundir com uma filosofia aristocrática, se fazem presentes, e o “esporte da escola” no qual valores de alto rendimento e desejos de ascensão social não convergem para os ideais de educação, devido aos interesses objetivados. Conforme Vago (1996), em relação ao “esporte na escola”, este seria uma reprodução dos códigos e práticas daquele esporte considerado como modelo⁴, ou seja, o esporte de alto rendimento e todas as suas contradições e incoerências possíveis; já o “esporte da escola” seria o esporte como conteúdo transformado pedagogicamente àquele lócus, o escolar. Ainda para Vago (1996, p. 4), sua ideia central é de que a escola pode produzir uma cultura escolar de esporte que, ao invés de reproduzir as práticas de esporte hegemônicas na sociedade, estabeleça com elas uma relação de tensão permanente, intervindo na história cultural da sociedade. Para Bourdieu (2004a, p. 217), esta tensão significa a ruptura entre profissionais e amadores na constituição de um esporte espetáculo separado do esporte comum.

*

Nas escolas, os “herdeiros da cultura” têm o sucesso esperado nas carreiras escolares pautado na exclusão da carreira esportiva como trajetória admissível. Para os “herdeiros do esporte”, as estratégias são outras: eles são apartados da escolarização, sendo identificados/apontados e reconhecidos em disciplinas que valorizam as apregoações de um viver do esporte. O interessante é ressaltar que como parte do

⁴ Para Vago (1996), os **códigos da instituição esportiva** podem ser resumidos em: princípio de rendimento atlético desportivo, competição, comparação de rendimentos e recordes, regulamentação rígida, sucesso esportivo e sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas.

sistema de ensino a disciplina de Educação Física recebe um peso menor frente aos outros componentes curriculares, situando-se geralmente numa posição hierárquica do conhecimento, ou dos saberes escolares, diminuída em relação às demais, com base na dicotomia mente e corpo. No entanto, ao constituir-se como campo à parte, seus fins muitas vezes promovem a mesma diferenciação que a disciplina sofre. Isto é, reproduz no seu interior uma ordem vigente do mérito, referendado pela ordem do esporte espetáculo⁵. Os jovens, agora independentemente de classe social, são categorizados e distinguidos por seu capital físico, conseqüentemente o capital corporal e as implicações de dedicação e empenho à modalidade. Agora, como outrora, o capital cultural é deixado em segundo plano, e as distinções de classe permanecem, com uma nova roupagem de que pelo esporte – corporalmente – é possível ascender socialmente pela força ou performance corporal.

Os programas governamentais brasileiros de política do esporte idealizam este processo na medida em que fomentam e criam mecanismos para a descoberta de “talentos” (capital físico), dispostos a sacrificar o corpo como ferramenta em prol do capital corporal. Isso geralmente com vistas à participação de atletas brasileiros em eventos internacionais, em especial, as Olimpíadas – e não devemos desconsiderar que, neste caso, a preparação para as Olimpíadas de 2016, aqui no Brasil, gera maior expectativa para a população, para a mídia, para o próprio campo e, claro, para o governo, já que megaeventos esportivos, como Jogos Olímpicos, configuram-se, na contemporaneidade, representações de domínio e de poder naquilo que a geografia dos esportes compreende como forte simbolismo o fato de um determinado país servir como “modelo de potência mundial” a partir das (boas) colocações em Olimpíadas e Copas do Mundo de Futebol.

Se no sistema de ensino francês Bourdieu e Passeron desvelaram que a maior abertura à escolarização, mais do que inclusão, proporcionou exclusão, podemos dizer que há uma política semelhante no sistema esportivo brasileiro, tendo em vista que mais

⁵ Pires (2006) considera que a transformação do esporte em espetáculo passou por dois processos. O primeiro, quando o esporte se adaptou à linguagem televisiva para alcançar maior eficácia do seu papel; o segundo, quando o esporte, enfim, se torna a própria mercadoria a ser negociada com os veículos midiáticos, pela venda dos direitos de transmissão.

do que incluir jovens na suposta pedagogia do esporte, exclui um número ainda maior, por estar pautada no esporte espetáculo (com seus valores mercadológicos e midiáticos). Os muitos jovens que procuram locais para uma atividade esportiva sofrem, como no sistema de ensino, com o poder simbólico representado no capital físico e posteriormente no capital corporal. Os mais adaptados ou propensos a uma determinada modalidade recebem o “selo de talentosos”. Estes *eleitos* são cuidados com atenção diferenciada, as palavras de mobilização e incentivo os levam a desejar progredir ainda mais, já os demais devem sofrer até o momento em que internalizam a suposta incapacidade de obter o alto rendimento e a boa colocação no campo profissional esportivo. Assim, eles acabam ocupando outras posições no meio esportivo, acomodando-se de outra forma, ou apenas contentando-se com a categoria de público espectador (geralmente frustrados por não terem adentrado ao campo com o qual sonharam).

O mercado para os “herdeiros da cultura” é mais amplo e possibilita a criação de novos postos para acomodar seus rebentos. Os “herdeiros do esporte”, pelo contrário, têm um mercado mais restrito com poucos postos de trabalho. Os treinamentos em espaços legítimos, como escolinhas esportivas, e os incentivos da mídia que divulgam o sucesso pelo esporte, fomentam a produção de um grande exército de reserva; primeiro, por impulsionar o alto rendimento canalizado no objetivo de ascensão social e no desejo de sacrifício que gera maior concorrência pelos postos, e segundo, na formação de um público apreciador dos eventos esportivos ávido por consumir seus produtos.

O campo escolar está constituído por um *métier* de aluno, sua relação com os espaços anexos à escola, com seus professores e colegas, e principalmente com o conteúdo oferecido. O *métier* de atleta, também percorre as mesmas similitudes, os espaços para prática, as conversas com professores, técnicos e colegas, além da externalização de seu capital corporal em um *ethos* de esportista. A externalização relaciona-se à *performance* que o esporte espetáculo vislumbra, já que se apresenta como “modelo”. Uma visão de mundo e o consumo dos bens esportivos, como acessórios e vestuário, somam para a valorização do atleta no campo esportivo, mas no campo escolar

gera categorização com estereótipos que marcam uma contrariedade diante da cultura valorizada na sala de aula.

Em nossos apontamentos, almejamos evidenciar a relação entre os campos escolar e esportivo, que quando comparados marcam a presença da tensão mente e corpo característica de uma distinção que valoriza o primeiro. Ao separarmos o campo esportivo, realizando uma análise, percebemos que o mesmo possui lutas internas entre o amadorismo das práticas e a profissionalização espetacularizada. A ênfase atual na profissionalização, mais do que proporcionar igualdade ou oportunidades, produz a exclusão dos não adaptados à *performance* desejada. Então, no campo esportivo podemos identificar um poder simbólico que permeia sua construção pautada em valores construídos historicamente e aceitos como ideais, geralmente sem questionamentos.

A própria oferta tal como se apresenta num dado momento, sob a forma de um conjunto de esportes passíveis de serem praticados (ou vistos), já é produto de uma longa série de relações entre modelos de práticas e disposições para a prática. (BOURDIEU, 2004a, p. 213)

Conclusão

O exercício aqui proposto em forma de ensaio visando analisar o campo esportivo, aproximando alguns de seus conceitos, tendo como objeto de análise o sistema de ensino brasileiro, em especial o componente curricular Educação Física, pela proximidade com o esporte (este sendo um conteúdo daquele) nos permitiu associar a obra “Os herdeiros” de Bourdieu e Passeron em um contexto para além da educação escolar. Neste caso, a formação esportiva e um certo deslocamento de análise teórica, em que refletimos sobre as distinções de classe quanto à corporalidade.

O esporte pode ser pensado numa perspectiva de elemento de capital cultural, ainda mais quando trabalhado pedagogicamente pela Educação Física. Entretanto, o que

se visualiza é que também no campo esportivo os *herdeiros* são formados, via reprodução social, por meio de frequência a determinados locais e à possibilidade de praticar determinadas modalidades esportivas sob a lógica da distinção social. Se há uma “herança invisível” entre os “herdeiros da cultura”, pelo acúmulo de bens e de capital cultural, na maneira de frequentar certos espaços e de introjetar determinados códigos e valores, configurando-se em *habitus* específicos, podemos dizer, também, pela associação que aqui nos arriscamos a fazer, que há os “herdeiros do esporte”. Embora a estes o mercado seja muito mais restrito e com poucos postos de trabalho, destinado, geralmente, àqueles com determinado capital físico-corporal performático que projetam no mercado esportivo profissionalizado uma forma de ascensão social, muitas vezes perversa e bastante restrita.

Um autor de tamanha envergadura e importância para as questões dos mais variados campos do conhecimento, neste caso mais especificamente na interface da sociologia, da educação e do esporte, como foi Pierre Bourdieu, não deve nunca deixar de ser revisitado, pois mesmo com as mudanças constantes na construção do conhecimento, teve (e tem) um espaço reservado para que as novas gerações possam refletir sobre temáticas diversas, como neste caso, em que focamos o campo esportivo.

Terminando, fazemos uso das palavras de Lahire (2002, p.52-53) sobre Bourdieu e sua importância: “É verdade que, quanto mais uma obra é monumental, maior é o risco de ela ser esmagada pelo seu próprio peso. Entretanto, é preciso esforçar-se para manter o espírito crítico até o fim e ter a lucidez de ajustar o esforço de trabalho em função da grandeza de tarefas.” Se Bourdieu tanto defendia o rigor, a reflexividade e a crítica, cabe a nós seguirmos seus conselhos!

Referências

- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 7ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004a.
- BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora da UNESP, 2004b.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. *Homo academicus*. 2ª edição. Tradução de Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: _____. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero Limitada, 1983, p. 136-153.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *Os herdeiros: os estudantes e a cultura*. Tradução de Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.
- BRACHT, Valter. Saber e fazer pedagógicos: acerca da legitimidade da educação física como componente curricular. In: CAPARRÓZ, Francisco Eduardo. (Org.). *Educação física escolar: política, investigação e intervenção*. Vitória: Proteoria, 2001, p. 67-79.
- CATANI, Afrânio Mendes. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu (Ou como um autor se torna indispensável ao nosso regime de leituras). *Educação e Sociedade*. Dossiê “Ensaio sobre Pierre Bourdieu”, ano XXIII, n. 78, abril/2002, p. 57-75.
- CATANI, Afrânio Mendes. Pierre Bourdieu e seu esboço de auto-análise. *EccoS – Revista Científica*. v. 10, número especial, p. 45-65, 2008.
- DOSSIÊ Pierre Bourdieu, *Revista Cult*. n. 128, ano 11, p. 44-65, 2008.
- LAHIRE, Bernard. Reprodução ou prolongamentos críticos? *Educação e Sociedade*. Dossiê “Ensaio sobre Pierre Bourdieu”, ano XXIII, n. 78, p. 37-55, abril/2002.
- LOVISOLO, Hugo. A paisagem das tribos na educação física. *Lecturas: Educación Física y Deportes*. Buenos Aires, ano 3, n.12, dez./1998. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd12/hlov.htm>> Acesso em: 02 março 2009.
- MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: _____. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 399-423.
- MATON, Karl. Eternizando o arbitrário: O legado profano de Pierre Bourdieu. *Revista Educação, Sociedade & Culturas – Revista da Associação de Sociologia e Antropologia da Educação*. Porto, Portugal, n. 19, p. 89-10, 2009.

PIRES, Giovani De Lorenzi. Esporte, mídia e ilusão. In: MELO, Victor Andrade; TAVARES, Carla. (Org.). *O exercício reflexivo do movimento: educação física, lazer e inclusão social*. Rio de Janeiro: Shape; SESC-Rio, 2006.

VAGO, Tarcísio Mauro. O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente – Um diálogo com Valter Bracht. *Movimento*, Porto Alegre, ano 3, n. 5, p. 4-17, 1996

VALLE, Ione Ribeiro. A obra do sociólogo Pierre Bourdieu: Uma irradiação Incontestável. *Educação e Pesquisa*, São Paulo: FEUSP, v. 33, n. 1, jan./abr., p. 117-134, 2007.

Recebido em: 03/08/2013
Aprovado em: 25/02/2014

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE
Revista Linhas
Volume 15 - Número 29 - Ano 2014
revistalinhas@gmail.com